

Diego Prestes de Sousa.

Resolvi fazer baseado na minha própria experiência profissional como administrador de uma pequena empresa. Nós trabalhamos com redes esportivas, como redes de vôlei e outros esportes que utilizam rede. Nosso foco é rede de proteção para campos de futebol [1] e redes de proteção de janela.

RESPOSTAS

3. Poderia dizer que efetuamos tudo por processo, porque não delegamos funções, é uma empresa familiar trabalhando dentro de uma casa. É como um time que está sempre focado em resolver o agora e usa o tempo que sobra; - quando sobra -, para planejar os próximos avanços. Os trabalhos de confecção das redes são mandados para as “aranhas” [2], e pagamos a mão de obra. Muitas vezes temos que largar tudo e correr para confeccionar nós mesmos. Não há rotina ou procedimento. Temos, por assim dizer, o momento em que prosseguimos com objetivos de longo prazo e organização e o momento em que um montante de coisas deve ser resolvido em um determinado espaço de tempo.

4. Todos temos liberdade para fazermos o que julgamos como melhor, o bom senso deve ser predominante, pois a empresa é o que sustenta tudo e todos por aqui. Nossa liberdade de tomada de decisão deve ser equivalente ao bom senso, levando tudo e todos em consideração. Sempre nos ajudamos em tomadas de decisão, a comunicação é fundamental, todos tem voz e consciência. Observando a maneira que as coisas acontecem, eu diria que consciência das ações e das consequências, e saber que sua decisão influencia o seu ambiente é um pré-requisito para trabalhar dessa forma, é preciso educação e conscientização desse aspecto para que as coisas não saiam do controle.

5. Basicamente temos dois parâmetros para mensurar nosso sucesso:

a. deu certo.

b. não deu certo.

Se deu certo, poderia ter dado *mais* certo? Se deu errado, o que deu errado? Quando deu errado? O que dá para extrair de bom dessa situação? Independente do desenvolvimento individual, vejo nossa organização como um organismo, se algo está ruim todos os outros membros se juntam para igualar as forças que impulsionam a evolução. Uma organização deve evoluir como tal.

6. Organização prática. Todos fazem o que é preciso fazer quando deve ser feito. O prazo manda, por assim dizer. Numa empresa pequena não há espaço para ego, enquanto tal tarefa não se mostrar contraproducente, ou seja, enquanto não tiver “nada mais produtivo/mais urgente” para ser feito, então essa tal tarefa deve ser realizada. Tentar criar formulas para resolver uma rotina caótica só a torna mais burocrática.

Exemplo de tarefa comumente adiada ou terceirizada: almoço. As vezes compramos almoço para nos poupar da louça e do preparo. Custa mais, mas ganhamos tempo. Tempo é tão valioso quanto dinheiro.

7. Cada vez mais tarefas e responsabilidades são divididas entre nós, não há “setor” de nada. Eu, por exemplo, faço o financeiro, falo com clientes, confecciono mais do que gostaria, embalo quando necessário, e etc. Ter um conhecimento abrangente sobre o panorama de uma empresa, seja ela uma startup com meia dúzia de funcionários ou uma empresa de porte gigantesco, é de grande ajuda na hora de planejar próximos passos e melhorar a eficiência de algum ponto que possa estar apresentando “mal funcionamento”, assim como fortalecer os pontos que já são considerados fortes.

8. Não há muito o que dizer, sem transparência essa metodologia não funciona. Individualismo funciona até certo ponto, algumas questões devem ser tratadas como tal. Pequenos testes são comunicados, como vender um produto novo. Grandes decisões devem ser pensadas e discutidas, pois normalmente envolvem mais membros (ou todos, que não são tantos assim,) da organização.

9. Nos organizamos por processo, mas levamos em conta a competência de cada um, nos conhecemos bem e sabemos quem sabe mais sobre o quê. Algumas decisões tem mais peso para alguns. Outras decisões tem mais peso para outros.

10. Apesar da abordagem acidentalmente moderna, nos medimos e nos cobramos individualmente. Cobramos uns dos outros como uma empresa pós revolução industrial.

11. Muitas atividades são repetitivas, mas é por conta da natureza arcaica do nosso negócio. No geral sempre temos que lidar com coisas novas, porque nos é necessário nos adaptar não só as tendências que aparecem, mas também àquelas que somem com o tempo. Se as pessoas começarem a parar de jogar bola teremos que nos adaptar gradualmente, na medida que essa transição cultural for acontecendo, a nossa transição de ideia de negócio deve ser igualmente gradual, por exemplo. As atividades repetitivas são todas aquelas que envolvem produzir e embalar.

12. Considerando que todos fazem de tudo um pouco, dificilmente há linearidade no que estamos fazendo. Precisamos ser rápidos e eficazes, o que as vezes nos custa tempo para concentração prolongada [3].

13. Por questão de gasto. Certamente poderíamos terceirizar muita coisa, expandir muito nossa “teia” de contatos. Temos um contador, um gerente do banco que nos auxilia esporadicamente e algumas pessoas para mão de obra (as aranhas), a maioria dos procedimentos são feitos internamente.

14. Ainda em desenvolvimento. Estamos adaptando tecnologias aos poucos, até porque preciso adaptar *meus país* com novas tecnologias. É fácil, mas é trabalhoso, atualmente usamos um sistema de gestão financeira, mas não atende nossas necessidades específicas, serve para passarmos as informações que o contador precisa. O “Conta Azul”.

NOTAS

[1] Esse “pano” de rede para a bola não passar é confeccionado à mão. Surgiram ideias para incrementar a produção com maquinário, nada deu muito certo, atualmente as redes de proteção para janela são confeccionadas com maquinário.

[2] Aranhas são as pessoas que tecem a rede. O trabalho é idêntico ao de uma aranha. Fornecemos matéria prima e elas o produto final.

[3] Programar só é possível perto da meia noite e solucionar problemas de planejamento estratégico, lógico e prever possíveis soluções para possíveis problemas é algo que se deve fazer entre 23h e 7h.